

PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA NOS DICIONÁRIOS HOUAISS E NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI

Margarida Maria Taddoni Petter (USP)

0. Introdução

Este texto procura analisar os termos definidos como *africanismos* pelos dicionários: *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* e *Novo Aurélio Dicionário de Língua Portuguesa Século XXI*, buscando compreender a extensão do conceito de “africanismo” e procurando discutir o conhecimento disponível sobre a presença das línguas africanas no léxico do português do Brasil (PB).

O registro em obras lexicográficas das palavras do PB provenientes de línguas africanas, desde o final do século XIX até meados do século XX, esteve associado à reivindicação da identidade da língua nacional. Embora fossem ‘termos estrangeiros’ do ponto de vista do português europeu, constituíam, na perspectiva brasileira, ao lado dos *indigenismos*, os *brasileirismos*, e contribuíam com sua parcela de originalidade para a defesa do argumento da autonomia do português do Brasil. As unidades lexicais de origem africana e indígena passaram, então, a ser percebidas como autóctones pelos defensores do PB (Petter, 2002).¹

À medida que estudos especializados se desenvolviam – Mendonça (1933), Raimundo (1933), Nelson Senna (1934), Dante de Laytano (1936), e outros – os termos de origem africana foram ganhando autonomia, constituindo uma classe importante entre os *brasileirismos*, distinguindo-se como *africanismos*. Ainda que continuassem a instrumentalizar os defensores da diferença do PB em relação ao português europeu, há uma mudança de perspectiva: o foco da atenção não é mais o *brasileirismo* do PB, mas a presença africana nessa variedade de português. A partir de então desenvolve-se o argumento da africanidade do PB, que inspirou muitos trabalhos, como Pessoa de Castro (1976), e as publicações recentes de Bolouvi (1994) – sobre os afro-brasileirismos oriundos do contato com as línguas da África Ocidental – e de Nei Lopes (1993-1995) – sobre a presença preponderante das línguas do grupo banto no léxico do PB.

Outros trabalhos, de cunho não lexicográfico, também vão atuar na investigação da África no Brasil, como os trabalhos de Vogt e Fry (1996) e Queiroz (1998), que vão trazer elementos empíricos que mostram traços da presença dos povos bantos ainda presentes em algumas comunidades rurais. Em contrapartida, os estudos sobre as religiões africanas no Brasil, como o de Cacciatore (1977) e Póvoas (1989) vão revelar a apropriação da cultura e das línguas africanas da África Ocidental, pela reelaboração e recriação dessa herança, que vai produzir uma mescla linguística afro-brasileira especializada no uso ritual.

Os deslocamentos de sentido manifestados na percepção dos *africanismos* – de ‘estrangeiros’ ao português europeu, mas ‘elementos da nacionalidade’, no português brasileiro, a entidades autônomas brasileiras ou afro-brasileiras – refletem as condições sócio-históricas do período de total independência política e cultural em relação à ex-metrópole, momento em que a identidade linguística não é mais questionada nem questionável a partir da diferença lexical. Constatamos que, hoje, o debate linguístico focaliza os traços distintivos da sintaxe do PB.

Os dicionários gerais da língua portuguesa de Ferreira (1999) e Houaiss (2001) vão refletir as oscilações de sentido na percepção que se tem hoje dos termos de origem africana no PB: *africanismos* ou *brasileirismos*? Esses dicionários vão, também, demonstrar o estado do conhecimento sobre a participação das línguas africanas na constituição do léxico nacional. O que se observa, no entanto, é mais o desconhecimento das línguas africanas, pois continuam a ser repetidas as informações de autores do passado, revelando desconhecimento da pesquisa atual sobre línguas africanas, ao mesmo tempo em que se “denuncia” a ausência de pesquisa especializada no Brasil.

Começamos definindo o conceito de *brasileirismo*. Celso Cunha (1987) discute com bastante proficiência a complexidade de definir um *brasileirismo*, apontando cinco critérios que são evocados pelos estudiosos, para seu reconhecimento:

- seu uso privativo ao Brasil, em contraste com o português da metrópole - defendido pela maioria dos autores;
- seu uso exclusivamente regional, reservando-se aos termos de uso geral no país a qualificação de português do Brasil - posição de Silva Neto (1960);
- sua difusão junto a camadas sociais determinadas, “(...) provindo da corrupção ortográfica, fonética, sintática, semântica, ou de gênero, do falar indígena e africano, da gíria popular, das necessidades regionais, ou, ainda, mediante o processo da derivação, vernácula ou híbrida” (Laudelino Freire, 1924) - concepção dos puristas;
- a sinonímia, critério pouco mencionado entre nós, defendido por Daupias (1929), que considera *brasileirismo* “se tendo já o objecto nome em português, suceda darem-lhe outro os brasileiros”;
- a origem, apoiada no princípio histórico-etimológico, que reconhece tupinismos, africanismos, arcaísmos etc., é o critério mais aceito por autores brasileiros, tais como, João Ribeiro, Laudelino Freire, Rodolfo Garcia, Artur Neiva, Renato Mendonça, Mattoso Câmara Jr., Sílvia Elia e Gladstone Chaves de Melo (Petter, 2001).

Mattoso Câmara Júnior (1964, apud Cunha, 1987:27) define *brasileirismo* como:

Qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O *brasileirismo* pode ser - a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um vulgarismo, ou estar aceito na norma lingüística espontânea.

O mesmo autor considera que, do ponto de vista lingüístico, há quatro espécies de *brasileirismos*: fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Quanto aos processos de criação, registra: “a) o ambiente físico peculiar a ser traduzido na língua; b) a diferenciação cultural; c) o contato com outras línguas, que explica, por exemplo, os tupinismos e africanismos; d) a estruturação social e suas peculiaridades em face da de Portugal”.

Partindo do critério da origem, conforme foi expresso por Mattoso Câmara Júnior, é correto afirmar que o *africanismo* pode estar na gênese de um *brasileirismo*. Essa abordagem de *africanismo* como um *brasileirismo* que surge do contato do português com as línguas africanas significa dizer

que, para que um *africanismo* seja considerado um *brasileirismo*, deve-se levar em conta o fato de o termo ou expressão ter sido introduzido no Brasil “pelos escravos radicados em nosso país”, segundo posição assumida por Cunha que acrescenta: “Vocábulos como *senzala* (ou *sanzala*) e *moleque*, que aqui chegaram com os escravos de língua quimbundo e que sempre conservaram a sua vitalidade em Angola, rigorosamente falando não são *brasileirismos*, mas *angolismos*” (op. cit. :54).

Passemos agora ao conceito de *africanismo*, a partir das definições dos dicionários sob análise:

Africanismo-Houaiss

- 1 qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é africano; africanidade
- 2 sentimento de afinidade ou de amor pela África ou pelos assuntos e ideais pró-africanos; africanidade
 - 2.1 sentimento de afinidade ou amor pela África negra e seus problemas; africanidade
- 3 conjunto de estudos referentes à África e/ou aos africanos; africanologia
 - 3.1 conjunto de estudos a respeito da África negra ou dos negros africanos; afrinigrologia
- 4 influência exercida pelos africanos, negros ou não, na cultura dos povos dos demais continentes
- 5 (1858) Rubrica: lingüística.
palavra, construção ou expressão tomada de empréstimo de qualquer das línguas africanas
- 6 Rubrica: lingüística.
qualquer fato de linguagem (fonético, mórfico, sintático, lexical) privativo do português de alguma das ex-colônias portuguesas na África, em contraste com o de Portugal ou do Brasil
 - 6.1 Rubrica: lingüística.

os fatos lexicais distintivos do português da África, não us. em Portugal ou no Brasil

Africanismo - Aurélio

[De africano + -ismo.] S. m.

1. O estudo das coisas da África.
2. Influência da África.
3. Costume ou modos próprios da África.
4. E. Ling. Palavra ou expressão oriunda de alguma das línguas africanas.
5. Sentimento de amor ou fidelidade às tradições, interesses ou idéias africanas, especialmente.

1. Novo Aurélio Século XXI

O *Novo Aurélio Século XXI* apresenta como inovação um registro mais completo da língua portuguesa no mundo, já que inclui, ao lado do português do Brasil e de Portugal, o português da África, identificado regionalmente como: *angolanismo*, *cabo-verdianismo*, *guineensismo*, *moçambicanismo* e *santomensismo*.

Comparada à edição anterior (1986), a atual revela um melhor conhecimento das palavras de origem africana, observado na ampliação do número de verbetes, na correção de algumas

definições, na inclusão de novos étimos, reconhecendo outras línguas africanas além do iorubá e do quimbundo, e no ajuste de etimologias equivocadas encontradas no dicionário de 86 (Petter, 2000). Persistem, ainda, as mesmas incertezas na atribuição de origem para a maioria dos verbetes da versão anterior, porém as expressões modalizadoras adquirem mais uniformidade: *do africano?* presente na edição anterior passa a *de origem africana, possivelmente; de origem africana decerto, talvez de origem africana, de provável origem africana, de possível origem africana, de origem africana?* passam a *de origem africana, possivelmente; vocábulo africano, duma língua africana, duma língua indígena do Sudão*, passam a *de origem africana*.

O termo *africanismo*, embora permaneça definido pelo dicionário da mesma forma que em 86, é empregado como rubrica para identificar somente os verbetes que contenham palavras usadas no continente africano, 26 itens, dos quais 17 têm também o uso comprovado no Brasil, sendo, então, reconhecidos como africanismos e brasileirismos. Dentre esses figuram *papai, pau, pilão, moleque*. Outros termos, como *meu*, “interjeição que exprime simpatia, camaradagem” (cf. definição do dicionário), aparecem, estranhamente, classificados unicamente como *afric. fam.* (africanismo familiar), seguido de abonações de dois autores africanos, sem qualquer menção ao seu uso na língua falada na cidade de São Paulo. As demais palavras de origem africana empregadas no Brasil – que seriam os *africanismos* de acordo com a definição do próprio dicionário – aparecem sob a rubrica de *brasileirismo* ou, simplesmente, têm seu étimo africano reconhecido, sem nenhuma outra categorização.

Os *angolanismos, cabo-verdianismos, guineensismos, moçambicanismos e santomensismos* recebem apenas a identificação regional específica, não se apresentam sob a rubrica *africanismos*. Incluem termos de origem diversificada: africana, portuguesa, brasileira (tupi) e indiana, entre outras. Desvelam dados interessantes sobre os contatos culturais e lingüísticos Brasil/África, como o que se verifica no caso dos termos de botânica *capim e sumaúna*, de origem tupi, que são correntes em todos os países lusófonos africanos, comprovada por abonações de autores africanos. (O Houaiss não traz essas referências, para *sumaúna*, traz *mafuma*, como *angolanismo*). O churrasco brasileiro também é outro termo registrado com o mesmo uso geral na África. Além dos contatos entre o português e as demais línguas, africanas ou não, há informações relevantes que nos permitem avaliar possíveis traços comuns ao português não europeu em contato com línguas africanas, cuja explicação merece ser investigada: tanto no Brasil quanto nos cinco países lusófonos é registrado o uso de *falar*, no sentido de *dizer, declarar*. [Houaiss só registra como regionalismo do Brasil]. Seria esse uso a transferência de uma aceção comum ao verbo equivalente nas diferentes línguas africanas transplantadas para o Brasil?

A análise do Aurélio XXI demonstra ser incoerente e ambíguo o emprego da classificação *africanismo*. Pela definição do verbete específico, na aceção 4. Est. ling., lê-se: “palavra ou expressão oriunda de alguma das línguas africanas”; entretanto, no discurso do dicionário, o termo é utilizado para identificar não só a origem das palavras, mas seu uso específico no continente africano, independente de sua etimologia – *dos 26 termos sob essa rubrica apenas 4 são de origem africana* (Petter, 2002).

A diversidade de expressão do português falado no continente africano mostrou a irrealdade da etiqueta única “português africano”, ou *africanismo*, por isso foi adotada a designação específica de cada país: *angolanismo, cabo-verdianismo, guineensismo, moçambicanismo e santomensismo*. A variedade das línguas africanas que emprestaram palavras para o português brasileiro – quimbundo, quicongo, umbundo, iorubá, eve, fom, hauçá, jeje – evidência, também, a imprecisão

de apontar-se um africanismo no léxico brasileiro. A solução encontrada pelo Aurélio para as expressões do português na África convém perfeitamente aos itens lexicais de origem africana empregados no português brasileiro. *Brasileirismo* deve ser a identificação adequada para esses termos, seguidos, da identificação de sua origem e etimologia, quando conhecida.

As referências etimológicas apresentam um progresso em relação à edição de 86. Foi acrescentado um repertório maior de línguas fornecedoras de empréstimos; além do quimbundo e iorubá, estão consignados termos oriundos do hauçá, jeje, umbundo, quicongo, fom, eve. Encontram-se termos referentes às denominações das quatro famílias lingüísticas africanas: níger-congo, nilo-sahariana, coissá (khoisan, para os lingüistas africanistas) e camito-semítica (afro-asiática, na denominação mais atual) como também designações individuais de línguas pertencentes aos diferentes grupos, como uolofe, ibo, ijó, igala, diúla, nupê, songai, tapa, hutu, axanti, entre outras. Tal fato é notável, pois revela um melhor conhecimento do universo lingüístico africano, desconhecido e raramente referido de forma correta até em manuais de lingüística geral.

A grafia adotada não obedece a critérios uniformes. Muitas vezes são consignadas várias formas, como para *hawsa*, que está registrado como hauça, haúça, haussá, haússa. Outras vezes nota-se incoerência na atribuição do acento da palavra e do timbre vocálico em português, como no aportuguesamento da forma utilizada por africanistas, nas denominações das línguas: senufo, dyula, nupe, ijo, que se tornaram em português: senufo, diúla, nupê, ijó. Não está justificada a escolha da posição dos acentos, como também não se explica a escolha do timbre dos oxítonos.

A forma aportuguesada dos etnônimos e glossônimos foi inspirada na obra *A enxada e a lança*, de Alberto da Costa e Silva (1996), que também serviu como única fonte para as abonações dos termos referentes a línguas e povos africanos.

2. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* também define *africanismo* como “palavra, construção ou expressão tomada de empréstimo de qualquer das línguas africanas”, mas incorpora o sentido não explícito, porém depreendido pelo uso da rubrica ‘africanismo’ na classificação dos verbetes no Novo Aurélio: “qualquer fato de linguagem (fonético, mórfico, sintático, lexical) privativo do português de alguma das ex-colônias portuguesas na África, em contraste com o de Portugal ou do Brasil; os fatos lexicais distintivos do português da África, não usuais em Portugal ou no Brasil” (p. 107). Opõe-se claramente a *brasileirismo*, definido de forma extensa: “em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, mórfico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português do Brasil; sob o ponto de vista lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou aceção (dialetismo semântico) privativa do português do Brasil” (p. 507). Para o Aurélio, *brasileirismo* é: palavra ou locução própria de brasileiro; modismo próprio da linguagem dos brasileiros; idiotismo do português do Brasil; caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil.

Embora as definições se aproximem, a identificação das categorias de *brasileirismo* e *africanismo* raramente coincidem nos dois dicionários. Para o *Novo Aurélio*, *capiangó*, “gatuno hábil e astuto”, termo de “origem africana”, sem outra indicação etimológica mais precisa, é *brasileirismo* e *africanismo*. Houaiss considera o vocábulo como um *brasileirismo* somente, cujo étimo é o quicongo *kapiangu* (cf. Nei Lopes).

As fontes utilizadas por Houaiss para estabelecer a datação e a etimologia dos vocábulos são bastante amplas, incluindo até a 3ª edição do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda

Ferreira. No que concerne especificamente às línguas africanas, além de vários arquivos e livros de poucos autores africanos, foram referidas apenas cinco obras: *O negro na civilização brasileira* (1956), de Artur Ramos; *Dicionário Banto do Brasil* (1993-1995), de Nei Lopes; *Dicionário de cultos afro-brasileiros* (1977), de Olga Cacciatore; *Os falares africanos na Bahia* (no prelo), de Yeda Pessoa de Castro e *Dictionnaire bilingue portugais-français – Guinée-Bissau* (1996, 2 vol.) de Jean Michel Massa. Como consequência dessa expansão das fontes consultadas vai haver um maior número de entradas de origem africana, relativas, principalmente, ao universo religioso, tendo como fonte Cacciatore.

A datação dos vocábulos, quando disponível, informa o primeiro registro conhecido ou estimado da palavra, indicando a fonte ou a primeira obra lexicográfica que a registrou. O dicionarista procurou indicar o étimo próximo dos vocábulos do português e, em alguns casos, também o remoto, mostrando os elementos mórficos que os constituem. Para a grafia dos étimos de origem africana foi adotado um sistema de transliteração, para tentar resolver as oscilações existentes nas fontes consultadas. A grafia dos etnônimos e glossônimos baseia-se em dois critérios: em alguns casos segue-se a convenção internacional, como para a família lingüística Khoisan e o grupo Kwa, mas também se informa que há as formas portuguesas *coisã* e *cuã*; em outros casos adota-se a forma aportuguesada já existente (ou propõe-se uma nova), indicando inclusive algumas variações para ela, como *ioruba*, *iorubá*, *iorubano* (subs. e adj.).

Também se observa insegurança na indicação de muitos étimos, indicados pelas expressões: *etimologia provavelmente africana, de origem controversa, de origem obscura, ou simplesmente etimologia africana*. Em muitos desses casos, sem assumir totalmente a proposta explicativa, menciona-se um autor que “sugere” um étimo, como:

sambango- *aquele que é fraco, que não tem forças Etim prov. de origem africana; Nei Lopes sugere o umbundo samba ‘pobre, carente, mendigo’ + -ngo ‘ordinário’.*

O procedimento de transcrever a etimologia apresentada por outros autores, mesmo que nem sempre referidos, é a norma geral dos dicionários gerais, o que comprova não ter havido nova pesquisa na área dos termos de origem africana por parte dos lexicógrafos.

Entretanto, apesar de não haver investigação inédita, há verbetes bem documentados, no *Dicionário Houaiss*, como o referente a *quizila*, em que se indica a data e a fonte do primeiro registro (1681. Cf. AOCad. – [Antônio Oliveira de Cadornega. *História das Guerras angolanas*]), o étimo – *quimbundo kijila*, os diferentes significados e as formas variantes seguidas das fontes históricas. Apresenta-se até uma informação discordante: Silveira Bueno considerava o termo uma criação portuguesa e não africana.

3. Considerações finais

Apesar da incoerência entre a definição da entrada “africanismo” e o uso da rubrica “africanismo” como uma categoria identificadora da etimologia do termo, as palavras oriundas de uma língua africana em uso no PB não são classificadas como *africanismos* nos dois dicionários; são *brasileirismos*; são identificados como *africanismos* somente os termos próprios do português da África. Muito embora o resultado final da análise feita nos dois dicionários seja semelhante em muitos aspectos, deve-se ressaltar que Houaiss apresenta maior coerência no reconhecimento da categoria africanismo, por acrescentar, explicitamente, na sua definição, a aceitação de “fatos

lexicais distintivos do português da África, não us. em Portugal ou no Brasil”, ao lado do sentido amplo de “palavra, construção ou expressão tomada de empréstimo de qualquer das línguas africanas”. Por outro lado, o *Novo Aurélio* inova ao identificar as diferentes formas de português encontradas na África com designações individualizadoras, como *angolanismo*, *cabo-verdianismo*, *guineensismo*, *moçambicanismo* e *santomensismo*, expressões que manifestam o reconhecimento de variedades da língua portuguesa faladas no continente africano.

As “palavras de origem africana” em uso no léxico do português brasileiro não são mais percebidas como africanismos. Por terem sido incorporadas há muito – desde o século XVI houve contato do português com as línguas do grupo banto (Bonvini, 1996) – estão totalmente integradas ao português brasileiro, pois participaram da constituição do PB e adquiriram cidadania brasileira. Muito embora os termos de origem indígena sejam em número superior, os termos vindos das línguas africanas formam uma parcela importante dentro da pluralidade de fontes do léxico do português brasileiro. A análise dos dois dicionários brasileiros mais recentes e de maior circulação no país evidencia o conhecimento insuficiente do legado lexical das línguas africanas no PB. Esse desconhecimento se explica em grande parte pela falta de pesquisa nova na área.

Referências

- BOLOUVI, P.L. (1994) *Nouveau Dictionnaire etymologique afro-brésilien*. Lomé: Presses de l'Université du Bénin.
- BONVINI, E. (1996) *Emprunts du portugais aux langues africaines: sur les traces d'une rencontre culturelle*. Inédito, mimeo.
- CACCIATORE, O.G. (1977) *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense.
- CADORNEGA, A.O. (1680) *História geral das guerras angolanas*. Anotado e corrigido por José Mathias Delgado, T.I., Lisboa, Agência Geral do Ultramar.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. (1964) *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*, 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon.
- COSTA E SILVA, A. (1996) *A Enxada e a Lança. A África antes dos portugueses*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, C. *O que é um brasileiro?* (1987) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- DAUPIAS, J.G. (1929) *Dicionário da Academia Brasileira*. Lisboa.
- FERREIRA, A.B.H. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- _____. (1999) *Novo Aurélio Século XXI – O dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREIRE, L. (1924) *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. *Revista da Língua Portuguesa*, 31.
- HOUAISS, A (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- LAYTANO, D. (1936) *Os africanismos no dialeto gaúcho*. Porto Alegre: Globo.
- LOPES, N. (1993-1995) *Dicionário Banto do Brasil*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.
- MASSA, J.M. (1996) *Dictionnaire bilingue portugais-français des particularités de la langue portugaise en Guinée-Bissau*. [Guinée-Bissau: s.n.,]

- MENDONÇA, R. (1933) *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer.
- NEIVA, A. (1940) *Estudos da Língua Nacional*, Companhia Editora Nacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre.
- PESSOA DE CASTRO, Y. P. (1976) De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia. Tese de dourado, inédita. Universidade do Zaire.
- PETTER, M.M.T. (2000) Talvez sejam africanismos. *Estudos Lingüísticos XXIX – GEL – Grupo de estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. v. 1: 713-718.
- _____ (2001) Africanismos no português do Brasil. *História das idéias lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Eni P. Orlandi (org.), Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora.
- _____ (2002) Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. José Horta Nunes, Margarida Petter (orgs.), São Paulo: Humanitas? FFLCH/ USP; Campinas: Pontes.
- PÓVOAS, R.C. (1989) *A linguagem do Candomblé*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- QUEIROZ, S. (1998) *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- RAIMUNDO, J. (1933) *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença.
- RAMOS, A. (1956) *O Negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- SENNA, N. (1934) Africanismos na linguagem brasileira. *Revista de Philologia e de História*, 2, 439-449.
- SENNA, N. (1938) *Africanos no Brasil. Estudos sobre os Nêgros Africanos e Influências Afro-nêgras sobre a Linguagem e Costumes do Povo Brasileiro*, Belo Horizonte, [Queiroz Breyner].
- SILVA NETO, S. (1960) *A língua portuguesa no Brasil*, separata da *Revista de Portugal*, vol. XXV, Lisboa.
- VOGT, C. & FRY, P. (1996) *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Nota

1 Este texto reproduz parte da pesquisa publicada em Petter 2001 e 2002.